

Victoria Lidchi

O processo de entrevistar em casos de abuso sexual. Parte I: entrevistando menores vítimas de abuso sexual

INTRODUÇÃO

Nos últimos 15 anos desenvolveu-se um consenso sobre o processo e as técnicas que devem ser utilizadas para entrevistar menores vítimas de abuso e maus-tratos. Existem pautas que os profissionais podem seguir para entrevistar menores vítimas de abuso sexual⁽¹⁾. O desenvolvimento dessas estruturas está relacionado com a importância da informação obtida durante as entrevistas, para determinar se houve ou não abuso sexual quando não se têm sinais físicos do acontecimento.

Para se fazer uma entrevista adequada e interpretar tanto os comportamentos do menor quanto o conteúdo falado, o profissional deve ter experiência em trabalhar com menores e capacitação básica para entrevistar casos de abuso sexual.

ASPECTOS IMPORTANTES PARA SE ENTREVISTAR MENORES

Para profissionais que pretendem entrevistar menores, é útil procurar entender alguns aspectos do desenvolvimento da criança e do adolescente, incluindo processos de raciocínio, atenção, linguagem e memória⁽²⁾. Estudos psicológicos mostram que menores, particularmente crianças pequenas, são influenciados pelas sugestões dos adultos⁽³⁾. Entrevistados muitas vezes, eles podem reconstruir

eventos que não aconteceram e, depois de um tempo, esquecer os acontecimentos importantes.

Entender o efeito de um trauma sobre esses processos cognitivos é também importante. Por exemplo, as crianças e os adolescentes se protegem distanciando-se dos eventos traumáticos, ou seja, dissociam-se. O processo cognitivo de dissociação significa que os menores podem ter problemas em recuperar lembranças desagradáveis que tentaram não guardar ou esquecer, uma vez registradas.

O processo

Os protocolos existentes concordam sobre o fato de que o profissional (ou os profissionais, se mais de um está presente) responsável pela entrevista deve estabelecer uma relação com o menor, apresentando-se e explicando o processo da entrevista, que deve dar prioridade ao estilo narrativo, e não de questionamento. Quando é preciso obter do menor alguma informação para esclarecer aspectos de seu relato, as perguntas abertas geram informação mais precisa e menos contaminada. As perguntas podem ser incorporadas a atividades lúdicas. A entrevista deve acontecer num lugar onde o menor se sinta seguro, se possível adaptado ao processo. Numa situação ideal, o(a) entrevistador(a) procurará um local adequado para a entrevista, que será tranquilo, com objetos que ajudarão na conversa, como brinquedos, bonecas, papel e lápis de cor para escrever e desenhar.

Antes de iniciar a entrevista, é recomendado juntar todas as informações que as agências de diferentes setores possuem sobre o menor para colocar a informação obtida no contexto de sua vida. Durante a entrevista, os indivíduos presentes

Psicóloga clínica; terapeuta familiar; mediadora (áreas de especialização incluem maus-tratos e abuso sexual, pediatria e saúde pública); membro do conselho executivo da International Society for the Prevention of Child Abuse and neglect (ISPCAN); coordenadora do projeto ISPCAN/ITPI-CEIIAS, no Brasil.

na sala deverão ser limitados. A presença de duas pessoas é útil porque uma pode fazer perguntas enquanto a outra registra o conteúdo da conversa e anota as observações. Como a maioria dos casos de abuso sexual é cometida por homens, ao menos um dos entrevistadores tem que ser mulher. Num caso raro, em que se suspeita que o abusador é do sexo feminino, seria melhor que os entrevistadores fossem uma mulher e um homem.

O processo da entrevista pode ser auxiliado pela presença de uma pessoa com a qual o menor se identifique. Se o menor é capaz de responder, pergunte quem ele quer que esteja presente durante a entrevista. Caso contrário, o profissional deve procurar se informar sobre quem seria a pessoa indicada, porque nem sempre é um membro da família. É também importante decidir quem terá a responsabilidade de entrevistar o menor e qual será sua disponibilidade se for necessário fazer mais de uma entrevista.

As crianças e os adolescentes têm dificuldades em falar com pessoas que não conhecem, acostumando-se pouco a pouco a falar com um mesmo indivíduo. Se diferentes adultos fizerem as mesmas perguntas, é possível que obtenham respostas diferentes, porque o menor acha que a repetição da pergunta significa que não deu a resposta certa na primeira vez. É preciso sempre registrar por escrito, gravar em áudio ou vídeo o conteúdo para eliminar a necessidade de entrevistas repetidas com o menor.

Em geral, a entrevista é mais eficaz se o(a) entrevistador(a) é sensível ao nível de desenvolvimento do menor. Isso significa que, quando o profissional faz uma pergunta, deve se lembrar de aspectos do desenvolvimento cognitivo e afetivo de crianças e adolescentes, que irão influenciar a estrutura do relato e a informação que será colocada nele. Por exemplo, se as lembranças foram registradas quando a criança era pequena e não falava, é possível que isto tenha sido feito de forma visual. Nesse caso, é mais útil pedir à criança ou ao adolescente que visualize o que aconteceu antes de falar. Sabe-se também que, desde pequenas, as crianças se lembram de eventos, pessoas e lugares, mas não sabem bem avaliar o que é a verdade.

Para ajudar o processo da lembrança, às vezes é indicado utilizar perguntas mais específicas, como: "A pessoa parecia com outra pessoa que você conhece?"; "Se parecia, por quê?". Outras perguntas que ajudam na capacidade de lembrar do menor estão descritas na **Tabela**.

Ficar sensível ao nível de desenvolvimento de uma criança significa também:

- utilizar as técnicas adequadas para entrevistar (desenhos, histórias, jogos, bonecos, etc.);
- utilizar observações (interações familiares, reações do menor frente a diferentes estímulos, sejam pessoas ou lugares);
- utilizar linguagem positiva. Por exemplo, falar "Você se lembra da cor de sua roupa?", e não "Você não se lembra da cor de sua roupa?";
- utilizar as mesmas palavras que o menor usa para descrever suas partes íntimas.

Com crianças pequenas podem ser utilizadas bonecas específicas com partes genitais, mas só depois de confirmado o abuso sexual, senão, é possível que o(a) profissional seja acusado(a) de introduzir informação capciosa na entrevista ou, pior, de abusar do menor e o traumatizar por introduzir informação sexual não-indicada para sua idade e etapa de desenvolvimento.

Tabela

TIPOS DE PERGUNTAS

Tipo	Pergunta
Clarificar os eventos e os lugares onde aconteceu o abuso	"Você se lembra do que estava fazendo e de onde estava antes de acontecer?"
Clarificar a lógica dos eventos	"Sinto-me um pouco confuso. Você falou que ele estava tocando suas partes íntimas, mas você também estava vestida/o?"
Clarificar a fonte de conhecimentos sexuais	"Você falou que teve uma ereção. Onde aprendeu esta palavra?"
Perguntas com respostas múltiplas	"Aconteceu de dia ou quando já estava anoitecendo?"
Perguntas gerais (usar em lugar de perguntas capciosas)	"Fale-me um pouco sobre como o homem o(a) tocou."
Perguntas capciosas (NÃO USAR)	"O homem o(a) tocou de uma maneira errada, não foi?"

O formato

A entrevista com um menor que é ou foi vítima de abuso sexual poderia ter a estrutura a seguir.

- Fase inicial de desenvolvimento de uma relação: o(a) profissional deve começar a entrevista depois de ter desenvolvido uma relação, ou *rappor*t, com o menor. O(a) profissional (ou profissionais) se apresenta falando seu nome, sua profissão, a meta da entrevista e como vai registrar o conteúdo desta, ou seja, se vai gravar ou escrever a conversa. Pode também perguntar sobre a vida do menor, para obter algumas informações sobre seus amigos, sua escola, etc. Para conhecê-lo melhor, o profissional pode mencionar que entende a dificuldade de falar sobre assuntos íntimos.

Nesta fase, o(a) profissional pode mencionar temas importantes que poderão influenciar a informação obtida, como falar sobre a verdade. Perguntas como “Você sabe o que é falar a verdade?” e “Se eu falasse que tenho cabelo verde seria verdade?” são úteis. Pode também utilizar uma história em que a personagem minta para dar um exemplo do que é uma mentira para uma criança menor. As histórias são uma maneira mais concreta de fazer a diferença entre, por exemplo, mentir e brincar de fingir durante um jogo.

- Fase de narrativa livre: esta fase pode se iniciar com um pedido para falar sobre alguns acontecimentos do passado (uma festa ou um aniversário) para estimar a capacidade de lembrança do menor. Isso dá a possibilidade de avaliar a qualidade e a quantidade de detalhes que ele consegue lembrar. Numa segunda etapa, o tema da entrevista será introduzido pedindo-se ao menor um relato narrativo, utilizando as seguintes frases: “Conte-me o que aconteceu com você”; “Quero que me fale sobre o que aconteceu, desde o início até o fim, contando tudo o que se passou no meio”; “Conte-me o que normalmente aconteceu quando...”, se for um caso de abuso repetitivo. O(a) entrevistador(a) pode ajudá-lo a lembrar pedindo que “reconstrua mentalmente as circunstâncias do evento, e não deixe de contar tudo de que se lembra”.

Existem técnicas que o(a) entrevistador(a) pode utilizar para facilitar o processo de narrativa livre, inclusive solicitar, no início da entrevista, que o menor não deixe de falar sobre todos os detalhes, mesmo que não os considere importantes. O(a) entrevistador(a) deve também mencionar que o menor pode variar a ordem em que falará sobre os eventos e contar os acontecimentos de diferentes perspectivas (por exemplo, o que falaram outras pessoas sobre o que aconteceu). Se o menor fala que não se lembra de alguma coisa, o(a) entrevistador(a) tem como opção recomendar que tente reconstruir uma imagem mental do que aconteceu, pois a lembrança pode existir na memória numa forma visual. O profissional não deve interromper o menor durante o relato, porque existe sempre um risco que não fale mais. Perguntas mais específicas podem ser feitas depois.

- Fase de questionamento: depois de deixar o menor falar sobre os eventos sem interromper, serão utilizadas perguntas abertas, que não precisam somente de respostas sim ou não. Essas perguntas abertas podem ser de diferentes tipos, conforme a informação que o entrevistador deseja.

- As perguntas gerais ajudam o menor a lembrar mais detalhes sobre os eventos e lugares. Pode-se incentivar o menor a falar perguntando “Você falou que... Você lembra mais alguns detalhes sobre isso?”. Se a resposta a esse tipo de pergunta geral for não, o entrevistador tem que avaliar se isso é por ansiedade ou falta de memória. No primeiro caso, o(a) entrevistador(a) pode sugerir que a criança faça um sinal, como levantar a mão ou bater o pé no chão, para indicar que sabe alguma coisa mas não deve falar nesse momento. Sugerirá então que o menor desenhe ou escreva sobre o assunto, mas nunca o pressionando demais.

- As perguntas mais específicas são úteis para esclarecer eventos, fatos, etc., mas não devem ser confundidas com as perguntas capciosas, que colocam idéias na cabeça das crianças e dos adolescentes. Lembre-se de que, se o(a) entrevistador(a) persiste muito em um tema, é provável que o me-

nor desista de responder. Se o(a) entrevistador(a) utiliza uma seqüência de perguntas sem intervalos, pode ser que o menor se confunda em suas respostas.

É essencial minimizar a contaminação das repostas. Não se deve perguntar “Que cor era o cabelo do homem?”, se a criança não falou que o abusador era do sexo masculino. As diferenças entre perguntas gerais e perguntas capciosas são mostradas na Tabela, assim como outros tipos de perguntas.

- Etapa final: a meta desta etapa é concluir a entrevista de maneira positiva e deixar o menor relaxado e sem medo. O profissional pode elogiar os esforços do menor, referindo-se de novo às dificuldades em falar sobre assuntos delicados como o abuso sexual. O adulto, ou mesmo o adolescente, que está cuidando do menor deve receber um número de telefone para contato caso queira falar com alguém ou tenha perguntas sobre o processo da entrevista.

Maximizar a capacidade de a criança ou o adolescente lembrar consiste em fazer boas perguntas que os ajudem a se recordar dos eventos.

> COMO AVALIAR A ENTREVISTA

Depois da entrevista, a informação obtida tem que ser analisada e avaliada, para que se possa compreender a situação do menor e decidir se é preciso ou não fazer outras entrevistas. A informação da(s) entrevista(s) será utilizada para tomar decisões importantes sobre como intervir para conseguir a segurança do menor e o seu bem-estar. Essas decisões, na maioria das vezes, terão um impacto sobre o menor e as pessoas ao seu redor, por isso é preciso saber se o relato da criança ou do adolescente descreve adequadamente ou não o que aconteceu. A análise dos seguintes aspectos da entrevista ajudará o profissional na avaliação da qualidade do relato⁽⁴⁾:

- linguagem utilizada pelo menor: o uso de vocabulário ou descrições não-característicos de uma

criança ou de um adolescente da sua idade, ou com o seu nível de desenvolvimento – se foi mais explícito do que o normal – indica a possibilidade de o menor ter sido exposto a informação e/ou atos sexuais não-apropriados para sua etapa de desenvolvimento;

- técnicas das entrevistas prévias: os entrevistadores devem procurar saber quem entrevistou o menor para saber se as técnicas de entrevista poderiam ter influenciado o conteúdo da história;

- mentir: normalmente são os adolescentes que possuem as habilidades cognitivas necessárias para inventar uma história de abuso sexual. É mais difícil para uma criança construir e manter uma história falsa de abuso. Se o(a) profissional suspeita de que um menor não está falando a verdade, deve recolher informação sobre o seu contexto para saber se ele tem algum motivo para mentir, fingir ou disfarçar, algum medo ou ameaça. Divórcio e separação são exemplo de situações que se relacionam a tais comportamentos;

- emoções: durante a entrevista é importante que se monitorem as emoções e como estas são manifestadas, por exemplo, no tom da voz, em comportamentos ou expressões faciais. Os profissionais que estão entrevistando têm que se perguntar se as emoções apresentadas são as de uma criança ou de um adolescente que está contando uma experiência de abuso sexual, como, por exemplo, raiva, ansiedade, medo ou tristeza;

- lógica da história: os(as) entrevistadores(as), desejavelmente dois, prestarão atenção se a história tem uma progressão lógica ou não. É dizer que o relato do menor vai do início até o fim. É preciso haver distinção entre uma progressão lógica, que dá sentido à história, e uma mudança de tema num esforço de lembrar totalmente a história. Ou seja, tem que se perguntar: “A história faz sentido ou não?”;

- abuso sexual acontece dentro do contexto da vida diária da criança: se a história puder ser en-

tendida como fazendo parte do cotidiano do menor – por exemplo, acontece quando o mandam fazer uma ligação na casa de um vizinho, porque a família não tem telefone fixo em casa –, existe uma indicação de que ele está falando de fatos que aconteceram na sua vida;

- detalhes específicos: se a história tiver muitos detalhes específicos, como descrições de onde aconteceu o ato e das roupas do abusador e detalhes explícitos de atos sexuais, é mais provável que o menor não esteja mentindo. Outro sinal importante que pode comprovar que o menor está contando a verdade é o fato de ele poder descrever como se sentia ou o que pensava durante os episódios de abuso sexual;
- reprodução de algumas conversas palavra por palavra: um sinal importante de que o menor está sendo verdadeiro é quando ele pode reproduzir seções de diálogos que teve com o abusador.

CONCLUSÃO

Este artigo centrou-se no complexo processo de entrevistar menores. Na verdade, uma boa avaliação não só do menor, mas também de sua família, é essencial para uma intervenção adequada em situações de risco. Muitas vezes precisamos de evidências do abuso sexual para intervir e interromper tal comportamento. Sabemos que a evidência física é mais convincente, mas não está sempre presente. A informação que resulta da avaliação do menor e da sua família é essencial no caso de ausência de evidências, porque influencia tanto a intervenção protetora primária – focalizada sobre a proteção – como a intervenção terapêutica a seguir. Então, é preciso que os profissionais que trabalham com menores abusados sexualmente busquem treinamento, apoio e supervisão para que possam entrevistar de uma maneira competente e não retraumatizá-los.

O artigo original O Processo de Entrevistar em Casos de Abuso Sexual. Parte II: Entrevistando as Famílias das Vítimas de Abuso e Maus-Tratos será publicado no vol. 1, nº 4, da revista Adolescência & Saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Doris J, editor. The suggestibility of children's recollections. Washington: The American Psychological Association, 1991.
2. Goodman GS, Bottoms BL. Child victims, child witnesses: understanding and improving testimony. New York: The Guilford Press, 1993.
3. Gabarino J, Stott FM, Faculty of the Erickson Institute, editors. What children can tell us. New York: Jossey Bass, 1989.
4. Steller M, Boychuk T. Children as witnesses in sexual abuse cases. In: Dent H, Flin R, editors. Children as witnesses. New York: Wiley.